

ENTRE A ESCOLA E A RUA: reflexões sobre as memórias escolares da população em situação de rua em Vitória da Conquista – Bahia

**Irismar Bastos Viana Junior
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)**

**Ana Flávia Magalhães Coelho Castro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)**

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir as relações entre memória e experiência na trajetória escolar da população em situação de rua no município de Vitória da Conquista – Bahia, visto que os vestígios das memórias dessa população nos fornecem a possibilidade de identificação dos contextos e experiências dos seus processos educativos e lugares de escolarização vivenciados de maneira coletiva ou individual e as implicações destes em suas trajetórias de marginalização. Para tal, interpretou-se por meio de aportes teóricos a relação entre os campos do saber, memória, experiência e educação. E analisou-se a partir das narrativas da população em situação de rua as possibilidades e impossibilidades da experiência. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, na qual algumas palavras chaves foram dispostas nas seguintes bases de dados de acesso público: Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o Google Acadêmico. As fontes teóricas norteadoras deste trabalho são Jorge Larrosa, John Dewey e Walter Benjamin, que discutem sobre a experiência, e Maurice Halbwachs, referência para leitura e compreensão do caráter coletivo da memória. Com isso, compreendeu-se que as experiências escolares esquecidas pelos sujeitos em situação de rua, que também não se consideram aptos para refletir sobre as mesmas ou usá-las para fazer conexões significativas com outras coisas, torna tais experiências menos valiosas ou até mesmo inúteis para o seu próprio desenvolvimento.

2123

Palavras-chave: Educação. Memórias Escolares. População em Situação de Rua.

Abstract

The main goal of this article is to discuss the relationship between memory and experience in the school trajectory of the homeless population in the county of Vitória da Conquista-Bahia, since the memories traces of this population provide us with the possibility of identifying the contexts and experiences of their educational processes and places of schooling lived collectively or individually and the implications of these in their trajectories of marginalization. To this end, theoretical contributions were used to interpret the relationship between the fields of knowledge, memory, experience and education. The possibilities and impossibilities of the experience were analyzed based on the homeless population's narratives. The methodology used was bibliographical research, in which some key words were used in the following public access databases: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), and Google Scholar. The theoretical sources guiding this work are Jorge Larrosa, John Dewey, and Walter Benjamin, who discuss their experience, and Maurice Halbwachs, also a reference for reading and

understanding the collective memory's nature. As a result was understood that the school experiences forgotten by homeless people who also don't consider themselves able to reflect or use it to make meaningful connections with other things, make these experiences less valuable or even useless for their own development.

Keywords: Education. Homeless Population. School Memories.

Introdução

Tomadas pelo senso comum e pelos processos de exclusão social, as pessoas em situação de rua são caracterizadas erroneamente como indivíduos desprovidos de saberes, vivendo à margem da sociedade com delimitação de espaços em que possam se sentir pertencentes. Por outro lado, esses sujeitos possuem experiências de vida e, sobretudo, possuem vivências que estão alicerçadas em memórias ignoradas e repelidas pela sociedade, mas que abrigam saberes adquiridos ao longo de sua existência, que possuem valor e significância.

Posto isso, as problematizações apresentadas neste estudo coadunam com a perspectiva de que a experiência em alguns espaços institucionais foi negada historicamente à população de rua, e entre esses espaços, encontra-se a escola. Além disso, discutir os vestígios que as memórias dessa população nos fornecem torna-se relevante na medida que, ao evocá-las, identifica-se com maior facilidade os grupos sociais aos quais fizeram/fazem parte, bem como essas memórias são construídas e reconstruídas por estes mesmos grupos, além de proporcionar uma aproximação com os processos educativos e lugares de escolarização que essas pessoas tenham participado.

Delineada essa problemática, a presente pesquisa visa responder ao seguinte questionamento: Quais as memórias experienciais ou não experienciais escolares da população em situação de rua da cidade de Vitória da Conquista – Ba? No anseio pela busca de informações que permitam a elucidação deste questionamento, este trabalho tem como objetivo geral discutir as relações entre memória e experiência na vivência escolar da população em situação de rua no município de Vitória da Conquista – Bahia. Subsidiado pelos seguintes objetivos específicos: interpretar por meio de aportes teóricos a relação entre os campos do saber, memória, experiência e saberes; e compreender a partir das narrativas da população em situação de rua as possibilidades e impossibilidades para a construção das memórias escolares destes sujeitos.

No intuito de enriquecer a discussão entre as teorias e categorias que serão trabalhadas nesse artigo, bem como ouvir as memórias escolares da população em situação de rua na cidade

citada anteriormente, foi realizada uma pesquisa exploratória, almejando o levantamento de dados com relação ao objeto. De acordo com Severino (2013, p. 123), “a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Nessa direção, as informações decorrentes desse aspecto exploratório contribuíram fortemente para as discussões que serão tecidas a seguir.

Quanto aos meios, a pesquisa bibliográfica se fez necessária ao estudo a partir da compreensão de que “[...] qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (Fonseca, 2002, p. 32). As palavras-chaves que subsidiaram o estudo foram: população de rua, vivência escolar, experiência, memórias escolares, memória coletiva e memória individual. Tais descritores foram dispostos nas seguintes bases de dados de acesso público: Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o Google Acadêmico. As fontes teóricas norteadoras deste trabalho são Jorge Larrosa, John Dewey e Walter Benjamin, que discutem sobre a experiência, e Maurice Halbwachs, uma referência praticamente obrigatória para leitura e compreensão do caráter coletivo da memória.

O procedimento metodológico adotado foi a entrevista não estruturada porque, acreditamos que este procedimento é mais adequado para responder ao nosso objeto de estudo, permitindo que os sujeitos expressem suas experiências com liberdade, sem antecipar ou receber respostas estereotipadas. Concordando com os autores Lüdke e André (1986, p. 43), "a entrevista não estruturada é uma técnica de pesquisa que se caracteriza pela liberdade de expressão do entrevistado, que pode falar sobre tudo o que achar pertinente ao assunto em questão, sem ser limitado por perguntas preestabelecidas."

As entrevistas foram conduzidas no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP Adulto), uma instituição gerenciada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMDES) de Vitória da Conquista-Bahia. O Centro oferece assistência e serviços à população em situação de rua. A equipe responsável pela gestão da instituição foi contatada para obter permissão para utilizar o espaço para as entrevistas, que foi concedida prontamente. Além disso, foi obtida autorização das pessoas envolvidas na pesquisa.

Durante a fase exploratória do estudo, a maioria dos usuários do Centro POP Adulto se mostraram inicialmente tímidos, porém, ao longo das conversas, eles se aproximaram e manifestaram curiosidade em relação ao diálogo que se desenvolvia entre os pesquisadores e os participantes, demonstrando uma disposição para colaborar com a pesquisa e compartilhar

suas memórias e experiências escolares. As entrevistas foram realizadas em grupo, com a duração média de 25 minutos cada.

Ao emprendermos a entrevista não estruturada não utilizamos um roteiro fixo, mas nos amparamos em um conjunto de elementos importantes para o delineamento da temática, sendo eles: As memórias escolares; Experiências positivas e negativas; Expectativas e desejos que as memórias escolares evocam; E o se reconhecer nas memórias;

No tocante à organização desta pesquisa, a primeira parte deste artigo será destinada a conceituação de memória, bem como a discussão sobre experiência, em seguida discutiremos as imbricações entre memória e os processos educativos da população em situação de rua e apresentando alguns dados locais que forneceram informações sobre a escolaridade desses sujeitos, idade, gênero, raça etc.

Memória e experiência: reflexões e tensionamentos

Discutir memória é sempre uma aventura teórica que perpassa diferentes caminhos. A memória como um campo do saber multimodal tem permissão para transitar em vastos terrenos, podendo ser considerada como uma andarilha dos diferentes mundos do saber e também como uma importante ferramenta de reconstituição do passado. Sobre esse último aspecto, De Benedictis (2016, p. 73) esclarece que a memória “[...] não é apenas uma capacidade de imaginação, daquilo que é fictício, irreal, mas a habilidade de remeter ao passado, de reconstruir fatos que não conhecemos e que podem permanecer arquivados pela mente humana”.

Nas palavras de Nora (1993, p. 9), “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”, dessa forma, compreendemos a memória não como a possibilidade de resgate de algo que tenha sido perdido no passado, mas a enxergamos como a materialização do passado de forma viva no presente, latente e sempre cheia de possibilidades.

Nessa ótica, o conceito de memória como fenômeno do vivido, construído, reconstruído por meio dos grupos sociais é fundamentada pelo teórico Maurice Halbwachs (1990), considerado um clássico do campo da memória, teve influência das discussões sociológicas de Émile Durkheim com seus “fatos sociais” no que diz respeito ao caráter coercitivo exercido sobre os indivíduos de maneira externa na sociedade. Ancorado nessa constatação, Halbwachs (1990) defende a tese de que nenhuma memória é construída fora do contexto social em que estão inseridos os sujeitos, ou seja, enquanto indivíduos, somos interpelados pela memória de maneira coletiva.

O autor inaugura a concepção de que a memória não poderia ser entendida como um fenômeno puramente biológico ou caracterizada essencialmente por reações fisiológicas do corpo, mas se fundamenta na ideia da memória enquanto fenômeno social, atravessando os indivíduos que compõem os diversos grupos em uma sociedade.

Halbwachs (1990, p. 51) aprofunda essa definição ao afirmar que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...], este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo [...], e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”, quer dizer, as particularidades de cada indivíduo no processo de rememoração só existem porque este faz parte dos grupos sociais onde as memórias são alicerçadas.

Entretanto, cada rememoração possui um caráter particular mesmo dentro da coletividade, uma vez que depende da ótica que o sujeito imprime ao recordar, de como ele é afetado, e do lugar que esse sujeito ocupa ao narrar um determinado fato. Nas palavras de Oliveira (2021, p. 46):

ao recordar as experiências vividas, a memória segue as pegadas do que afetou, do que deixou vestígios nas relações construídas com o outro. As impressões sobre o que passou só remetem ao presente se estiverem impregnadas de sentimentos. Serão rememoradas se possuírem indícios que rompem com a uniformidade, com o que é comum. No jogo da vida o que afeta, o que toca o coração é o que será depositado nos guardados da memória.

2127

A memória exige a relação dos indivíduos com os grupos sociais da qual faz parte, “desse modo, o sujeito nunca está isolado mesmo se mantendo afastado de outros, pois, na perspectiva halbwachiana, todas as referências e pulsões acionadas por esse sujeito advém de seu grupo” (Medeiros, 2016, p. 43), sendo assim, ainda que cada indivíduo vivencie a memória de uma determinada maneira, decorrente das impressões que tenha e de como este é afetado pelas experiências vividas, é no arranjo da coletividade que as memórias deixam marcas, “nessa concepção, a memória social se dá a partir do conhecimento coletivo, dos símbolos e acordos vigentes em uma sociedade e/ou grupo” (IBIDEM, 2016, p. 43).

Compreender as discussões sobre memória e experiência através de obras clássicas é fundamental para a investigação aqui proposta, uma vez que, segundo Calvino (2007, p. 9), “um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer”, dessa forma, as fundamentações posteriores seguirão nessa mesma perspectiva. A seguir, serão explorados aspectos acerca da experiência.

O saber da experiência

Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2123 - 2136, maio, 2024.

Diante do paradigma da natureza da memória, nos deparamos com a sua coesão entre contextos e experiências vivenciadas de maneira coletiva ou individual. Dado que a socialização das lembranças, esquecimentos e experiências alheias compõem a memória coletiva (Meinerz, 2008). Recorremos aqui ao componente da experiência para problematizar as implicações do saber da experiência frente o sujeito em situação de rua, enquanto indivíduo percebido socialmente como um ser sem trajetória (Silva junior & Belloc, 2018).

O sistema econômico vigente apresenta muitas rachaduras no que diz respeito a humanização de determinados grupos sociais, possibilitando a dignidade da experiência a uns em detrimento de outros, como se pode observar na condição circunstancial ou permanente dos sujeitos em situação de rua (Vieira et al, 1992). Não obstante a essa problemática, estão as ações da escola ao longo da história como campo que comumente reflete os interesses sociais, desempenhando a função de hierarquizar e homogeneizar os sujeitos (Lunardi-mendes, 2004).

Na influência dos pensamentos de Walter Benjamin, ao enfatizar que “[...] as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Benjamin, 1985, p. 98). Bondía (2002) salienta a crise do empobrecimento experiencial na sociedade moderna diante da permanência de uma realidade que impossibilita a experiência. Para o autor existe uma diversidade de meios para obtenção de informações e saberes, no entanto isso não garante necessariamente a transformação do sujeito, já que o saber da experiência se diverge do saber da informação.

Bondía destaca: "a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Bondía, 2002, p. 21). Logo, pode-se dizer que a experiência está intrinsecamente ligada à ação do homem, como sujeito capaz de transformar a si e ao mundo no qual está inserido, porém, se as ações ou aprendizados não promoverem transformação, não há experiência. O sistema tradicional de educação se movimenta nesta perspectiva, de modo unilateral e sem o estabelecimento de uma conexão entre o presente, passado e futuro (Dewey, 1971), contribuindo para que a experiência não nos aconteça.

Para Dubet (2003, p. 34) a seletividade dos sujeitos existente no âmbito escolar reproduz ainda que sutilmente as desigualdades sociais pois,

[...] a exclusão escolar, considerada sob o ângulo de um fracasso escolar importante, provoca *ipso facto* uma relativa exclusão social. [...] a seletividade escolar encaminha os alunos mais fracos para as trajetórias menos qualificadas, o que, por sua vez, aumenta suas "chances" de desemprego e de precariedade.

A experiência pode se tornar insuficiente caso o sujeito não esteja apto para relacioná-la às demais situações em que se insere. A apreensão da experiência se estabelece a partir da assimilação de significados e complexidades, sendo capaz de refletir e problematizá-la, utilizando os conhecimentos adquiridos em seu processo de desenvolvimento.

Memórias, vivências e experiências escolares da população em situação de rua em Vitória da Conquista – Bahia

A partir da percepção dos vestígios da memória de uma população em situação de rua, é possível vislumbrar a importância e implicações das experiências de seus processos educativos e locais de escolarização vivenciados individualmente ou em grupo. Nesse sentido, o estudo se implica também na percepção das características dos grupos e sua dinâmica da rua, a fim de compreender o lugar social em que cada fala se apresenta.

A população em situação de rua da cidade de Vitória da Conquista na Bahia possui um público flutuante, visto que a cidade em questão é considerada um território “apenas de passagem” para algumas das pessoas nessa situação. Em vista disso, esse grupo de pessoas vive constantemente mudando de cidades, em uma permanência curta, que está fortemente ligada a condições mais propícias de sobrevivência (Andrade, 2022). “Os que vivem na rua, nela constroem as relações definidoras de suas existências. Redefinem o espaço, erguem paredes invisíveis, numa partilha minuciosa dos locais.” (Criady, 1998, p. 21). Ou seja, as pessoas em situação de rua produzem e compartilham uma realidade que é oculta à maior parte da sociedade, o que oculta e desvaloriza suas experiências, afetando a maneira como os percebemos.

Em contrapartida, há também aqueles que se estabeleceram e desenvolvem suas vidas nas ruas da cidade. De acordo com um levantamento de dados da Secretaria Municipal De Desenvolvimento Social (SEMDES), no ano de 2022 o número de pessoas em situação de rua cadastradas na cidade era de 125, sendo 98% desse número de pessoas brasileiras. Segundo esse mesmo levantamento, apenas 32% dessas pessoas são naturais da cidade, e 40% oriundos de outras cidades do estado (Bahia, 2022).

Os dados do levantamento apontaram que 80% dessa população são solteiros(as), possuem o índice de 69% de homens, e 76% desse público se declaram negros (pardos e pretos). Em relação aos dados escolares desse público, o levantamento apontou que 62% já frequentaram a escola. Interessamos pontuar que 37% das pessoas em situação de rua

cadastradas pela SEMDES não informaram seus níveis de escolaridade, 1% aparece no levantamento com nível superior, enquanto que 8% afirmam que não estudaram, nessa conjuntura, 25% estudaram até o Ensino Médio, e 29% cursaram apenas os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Finalizando esse levantamento, 60% indicaram que sabem ler e escrever (Bahia, 2022).

Durante as trocas de diálogo propiciadas no Centro POP Adulto, tivemos a oportunidade de escutar o testemunho de um indivíduo portador de diploma universitário, cujas reminiscências escolares e experiências contribuíram para uma reflexão sobre a relevância da educação para essa comunidade. Ao indagá-lo acerca de suas memórias acadêmicas, o interlocutor, filho de educadora, revelou ser dotado de uma estreita ligação com a área, tendo inclusive se tornado ele próprio um docente. De suas palavras, pôde-se inferir que sua formação foi influenciada tanto pelos ensinamentos maternos quanto pelas escolas que frequentou, sempre encarando a vida escolar como uma fonte de prazer.

Ele compartilhou que “a escola sempre foi um lugar de muitas alegrias”, deixando escapar algumas risadas quando perguntado sobre as memórias que tinha do seu processo escolar, pontuando que “aprontava bastante na escola”, mas mantinha uma relação muito boa com colegas, professores e demais profissionais da educação. Deste modo, embora ofuscadas por traquinagens, as memórias escolares do entrevistado foram marcadas pela amizade, espírito colaborativo e respeito mútuo pelos seus professores e demais atores educacionais.

Em contrapartida, ouvimos uma pessoa que afirmou não possuir nenhuma memória escolar, nem do ponto de vista da prática escolar que desenvolvia, nem das relações sociais que são construídas no espaço escolar. Ela afirmou que “quando eu estava na escola, só pensava em sair pra rua”. Do ponto de vista geográfico, podemos inferir que a escola não se configurou como um lugar de memória para essa pessoa, visto que ela não desenvolveu nenhuma relação de pertencimento e identidade com a escola, enquanto que para o outro a escola foi fundamental para essa constituição enquanto sujeito (Azevedo; Olanda, 2018). Do mesmo modo, é possível perceber que um possui uma experiência marcante com a escola, enquanto a outra deixou evidente que não foi atravessada durante sua vivência escolar.

Uma das mulheres entrevistadas fez menção à interrupção dos estudos devido à gravidez na adolescência. Ela relatou ter sido levada à escola por sua mãe, no entanto, frequentemente deixava as aulas para namorar nos arredores da escola e acabava se envolvendo em discussões, tendo, inclusive, levado uma lâmina de barbear para a escola, chegando a ferir uma colega. Após a direção solicitar sua volta à escola acompanhada da mãe, ela decidiu não continuar os

estudos. Conjectura-se que este episódio tenha coincido com a gestação. A entrevistada expressa sua intenção de retomar seus estudos, entretanto, aponta como impedimento a oferta exclusiva de turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, visto que ela tem interesse em frequentar as aulas durante o dia.

Nessa relação de testemunhos, é imprescindível refletir sobre as experiências que cada indivíduo carrega. Embora os dois depoentes compartilhem atualmente da mesma situação e tenham a rua em comum, cada um parte de uma vivência, de uma experiência diversa que pode formar seu caminho. Sobre esse aspecto Carlesso e Tomazetti (2011, p.3) afirmam que “considerando a premissa de que as experiências são constituidoras dos sujeitos que as vivem, fica clara a ligação entre a experiência e os fatores que a possibilitam ou não na sociedade e nas instituições educacionais”.

Nesse prisma, viver determinadas condições que dão possibilidade para que a experiência se efetive é o que Dewey (1973) e Bondía (2002) chamaram de experienciar. É não apenas passar por situações, mas ser afetado por elas, vivenciando-as de forma atravessada e significativa. Nesse caminhar, é possível pensar sobre como cada sujeito em situação de rua ouvido foi atravessado por suas memórias escolares, quais marcas deixaram e o que significam para eles.

Vale pontuar que é necessária a compreensão da complexidade que envolve a vida dessas pessoas e suas relações com a rua. No caso dos relatos discutidos até aqui, seus portadores partem de jornadas com a rua de maneira singular. Enquanto que o participante que possui memórias escolares tem sua vivência na rua mais recente, a participante que disse não possuir memórias escolares tem uma vivência de rua desde a infância. É importante frisar que um dos entrevistados frequentou escolas privadas, enquanto que a outra só foi aluna da rede pública de ensino.

Dessa forma, um possui memórias escolares e guarda recordações de colegas, de acontecimentos que lhe marcaram, de nomes dos quais se lembra, a outra só conseguiu rememorar os caminhos das ruas que passou, e não citou nenhum nome ou acontecimento que tenha sido significativo. Considerando o segundo caso, podemos inferir que o processo de reconstrução das memórias escolares da participante não foi tão efetivo dada as circunstâncias pelas quais passou, visto que Pollak afirma que “a memória é seletiva” (1992, p. 203). Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado, e é justamente o processo constante de reconstrução que permite a sua consolidação.

Ainda sobre esse aspecto, Gondar (2016, p. 19) pontua que “[...] a memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento”, sendo assim, sem os necessários processos de reconstrução da memória, algumas destas podem sucumbir ao não serem mais rememoradas e significadas. Complexidades também constatadas a partir dos relatos de um entrevistado no Centro Pop adulto, que frequentou duas instituições de ensino privado, tendo boas recordações de suas experiências e mencionando habilidades desenvolvidas em matérias como química e matemática, além de possuir formação em Administração no ensino superior. Entretanto, o usuário também expôs dificuldades em seu contexto familiar, o que o levou a deixar sua residência e se dirigir às ruas.

A vida na rua está repleta de perigos. No entanto, esses perigos tornam-se pequenos quando comparados às manifestações de violência que se apresentam no universo familiar e nos bairros onde residem. Como resultado, o abandono desses espaços torna-se inevitável. Para Michaud (1989, p. 10), a violência acontece quando,

[...] numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, sejam em integridade física, em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas ou culturais.

2132

Outro ponto que pode ser refletido diz respeito aos espaços e grupos sociais que essas pessoas fizeram parte. Através das memórias evocadas, percebemos o caráter coletivo ao rememorar determinados fatos, de forma que, à medida que essas lembranças acontecem, grupos e espaços sociais vão sendo revelados. Podemos compreender, assim como em Halbwachs (2006) que a memória se situa nos grupos sociais aos quais os sujeitos participam. Nesse caminho, é evidente que os sujeitos dos relatos fizeram parte de grupos distintos, com vivências específicas que se materializam de formas singulares em seus processos de lembrança do ponto de vista escolar.

Considerações preliminares

Por meio das entrevistas, este estudo buscou compreender e valorizar as experiências dos indivíduos em situação de rua na região de Vitória da Conquista, Bahia. Este trabalho, porém, não se limitou a uma abordagem superficial da condição do estar na rua, mas analisou os significantes e significados que essas pessoas atribuem às suas memórias e experiências

escolares e, dessa forma, viabilizou um conhecimento sobre a realidade desses sujeitos, dando origem a novas produções de sentido.

O aprofundamento teórico foi de fundamental importância para compreender as memórias evocadas pelos entrevistados no desenvolvimento da pesquisa. Diante desse investimento bibliográfico em Jorge Larrosa, John Dewey, Walter Benjamin e Maurice Halbwachs, pôde-se perceber que a importância da memória na construção social tanto de indivíduos quanto de uma cidade é incontestável. No entanto, é preciso considerar que a memória é seletiva e seus esquecimentos estão muitas vezes envolvidos na memória como instrumentos de preservação. Uma vez que os indivíduos se relacionam com diversos grupos sociais, as particularidades de cada memória são resultado de uma vivência singular.

A memória individual reflete a complexidade das interações sociais experimentadas por cada um, mas para entender a história é necessário considerar as memórias coletivas. Pois, não é a memória individual de um indivíduo isolado que controla a rememoração sobre o passado, mas sua articulação com o aspecto coletivo das memórias.

Noutro giro, a experiência pode se tornar insuficiente se o indivíduo não consegue estabelecer conexões entre as coisas com as quais está envolvido. Quando o sujeito não precisa fazer uso de uma variedade de significados ou complexidades que a experiência em questão exige, portanto, nada é aprendido ou apreendido. Em outras palavras, nota-se que as experiências escolares esquecidas pelos sujeitos em situação de rua, que também não se consideram aptos para refletir sobre as mesmas ou usá-las para fazer conexões significativas com outras coisas, torna tais experiências menos valiosas ou até mesmo inúteis para o seu próprio desenvolvimento.

Ao colocar em pauta tais problematizações, este estudo não pretende esgotar todas as discussões possíveis acerca das memórias e experiências escolares das pessoas em situação de rua. Em vez disso, considera-se como um ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas, a partir de insights e perspectivas iniciais, a pesquisa então fornece subsídios para a reflexão e investigação de várias questões relacionadas à temática, para que aqueles que foram silenciados e invisibilizados na sociedade possam ter suas vozes ecoadas.

Referências

ANDRADE, F. S, et al. [Orgs.] **Invisíveis**: pessoas em situação de rua no Brasil – significantes e significados. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2123 - 2136 , maio, 2024.

AZEVEDO, Mariângela Oliveira de; OLANDA, Elson Rodrigues. **O ensino do lugar:** reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. 2018.

BAHIA. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMDES). Coordenação de Proteção Social Especial. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC), 2022.

BENEDICTIS, NMSM. **Memória e geografia social de mulheres em Rio de Contas–Bahia:** a participação feminina no processo de organização de uma sociedade. 2016. **Tese de Doutorado.** (doutorado mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade).-Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016. Orientadora Profa. Dra. Rita Maria Radl Philipp, Vitória da Conquista, 2016. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Tese-Nereida-Maria-Mafra-de-Benedictis.pdf>

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** Editora Companhia das Letras, 2007.

CARLESSO, Dariane; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. As condições de (im) possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: algumas aproximações. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**, v. 19, n. 2, p. 75-97, 2011.

2134

CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e analfabetismo.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

DEWEY, John. Vida e educação. 8. ed. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1973. [Comporta os textos do livro: **A escola e a sociedade e a criança e o currículo** (1900). Publicado no Brasil em 1973, com parte introdutória escrita por Anísio Teixeira].

_____. **Experiência e educação.** Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971.

DUBET, F.. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 29–45, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). Por que memória social? **Revista Morpheus:** estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, v. 9, n. 15, Rio de Janeiro: Híbrida, 2016, p. 19-40.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São. Paulo, EPU, 1986.

LUNARDI-MENDES, G. A Função Social da Escolarização Básica: reflexões sobre as práticas curriculares da escola. In Revista do Congresso Luso-AfroBrasileiro de Ciências Sociais. Questão social novo milênio. Coimbra, 2004.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960:** reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade. 2016. Tese de Doutorado. **Tese de Doutorado**–UESB.

MEINERZ, Andréia. **Concepções de experiência em Walter Benjamin.** 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MICHAUD, Y. **A violência.** São Paulo: Ed. Ática, 1989.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Sandra Mara Vieira. **Memórias e narrativas:** o percurso de escolarização e formação de professores (as) e alunos (as) dos anos finais da educação básica. 2021. 232f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação – ppged, Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, Sergipe. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** Cortez editora, 2013.

SILVA JUNIOR, D. V. DA .; BELLOC, M. M.. Habitar invisível: produção de vida e cuidado na experiência urbana. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 67, p. 1065–1075, out. 2018.

VIEIRA, M. A. et al. (Org.). **População de rua: quem é, como vive, como é vista.** São Paulo: Hucitec, 1992.

Autor 1:



Ana Flávia Magalhães Coelho Castro

Mestranda em Educação – PPGED – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil.

Email: anaflaviacastropsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8573186800350419>

Orcid:

Autor 2:



Irismar Bastos Viana Junior

Mestrando em Educação – PPGED – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Email: junioruesb2017@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6813597943796018>

Orcid: